

A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.

Luciana Maria Lunardi Campos

Instituto de Biociências – Botucatu – UNESP

Eixo: -Formação de professores para o ensino superior.

A formação para a docência no ensino superior, No Brasil, se dá em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado, conforme previsto no art. 66 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), caracterizando-se como preparação e não como processo formativo (PIMENTA, ANASTASIOU E CAVALLET, 2003).

Conforme indicam Pimenta e Anastasiou (2005, p. 143 e 107) não há uma preocupação do sistema, com a profissionalização docente, não estão estabelecidos princípios e diretrizes para a profissão docente no ensino superior e não há na formação inicial desse profissional a constituição de elementos da profissão docente, como formação acadêmica, conceitos conteúdos específicos, ideal, objetivos, regulamentação, código de ética.

Assim, reconhece-se que não há um processo formativo inicial desse profissional ou mesmo a escolha consciente por essa profissão e “os profissionais dormem profissionais e pesquisadores e acordam professores”, utilizando a própria experiência ou exemplo de seus próprios professores para atuar e indicam como necessidade conhecer ou dominar técnicas de ensino (PIMENTA E ANASTASIOU, 2005, p. 104).

Os professores de ensino superior elaboram, assim, saberes profissionais da experiência, sendo que o conjunto de saberes da profissão docente é complexo e composto por saberes diversos (específicos, pedagógicos, curriculares, atitudinais).

Podemos assim, considerar que os professores de ensino superior apresentam necessidades formativas, que podem e devem ser atendidas em ações/ processos de formação continuada.

A profissão docente é complexa e exige competência e compromissos técnicos e políticos, consciência de determinantes mais amplos, flexibilidade, imprevisibilidade, reflexão crítica e saberes profissionais específicos.

A docência no ensino superior exige, ainda, consideração sobre a ciência e o conhecimento e o papel da universidade e tem constitui-se em “processo mediador entre sujeitos (professor e alunos) no confronto e na conquista do conhecimento”.

Neste sentido, direcionamos nossa análise para a docência no ensino superior como um trabalho interativo (TARDIF, 2005), em oposição ao trabalho material e cognitivo, já que a “presença do objeto humano modifica profundamente a própria natureza do trabalho e a atividade do trabalhador” (p. 28)

Tardif (2005) discute a docência como atividade sobre e com seres humanos, o que requer necessariamente relações entre pessoas. Para esse autor, “a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de certa capacidade de resistir e de participar da ação dos professores” (TARDIF, 2005, p 35).

A docência como atividade relacional se caracteriza por um trabalho com o aluno e não sobre ele e que possibilita transformações não apenas o aprendiz, mas também no professor. Ela é, assim, constituída na mutua influencia entre professor e aluno (características do professor, do aluno) e numa rede de influencias (fatores contextuais, relacionados à natureza da tarefa e ao conteúdo e macro sociais), contendo uma dimensão inconsciente.

Assim, pode-se considerar que cabe ao professor do ensino superior: intenção, esforço, preparo sair de si, caminhar em direção ao outro (o que aprende), (pré) ver; ao aluno: intenção, esforço, preparo sair de si, caminhar em direção ao outro (o que ensina) e às idéias, às relações e aos valores expressos nos pensamentos comunicados e a ambos: dirigir-se ao outro, estar disponível para, estar em posição de e estar disposto a realizar as ações necessárias para que a relação se efetive (GIOVANNI, L. M, 2000).

O professor, nessa relação, é o elemento mais experiente, responsável pelo ensino, enquanto processo intencional e deliberado, que deve possibilitar a aprendizagem, enquanto fenômeno complexo, que envolve aspectos cognitivos, afetivos, orgânicos, psicossociais e culturais e que tem sido marcado, no ensino superior, pelo seu caráter reprodutivo.

Tacca (2008, p. 49) considera que

“não é possível pensar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo seja o processo

dialógico... na possibilidade de as pessoas que compartilham o espaço expressarem seus sentimentos e ouvirem a comunicação do outro, tendo em vista uma construção conjunta de conhecimentos”.

Assim, professor e alunos são parceiros no processo de conhecimento. A transmissão/apropriação de conhecimentos se dá por meio da relação professor-aluno que se transmite o conhecimento, pois a relação que o professor estabelece com os alunos influencia na dinâmica da ação docente (planos de ensino, escolha de metodologia e recursos, disciplina em sala de aula e avaliação dos resultados) (CLARO 1995).

Para Perrenoud (2000) são competências necessárias ao professor, entre outras, organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação e envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, o que exige necessariamente o estabelecimento de relações positivas com os alunos.

Para tanto, o professor necessita conhecer-se (concepções, mito do bom professor, inteligência pessoal, habilidades sociais), refletir, conhecer e reconhecer o outro e propor o diálogo. Ele precisa compreender que além de competências, sua atividade profissional mobiliza “fundamentalmente a pessoa que intervém” e que é “a importância das dimensões existenciais, relacionais e afetivas na confrontação com o outro, a complexidade, a incerteza e o fracasso” (PERRENOUD, 1993, p.180).

Se aceitarmos a profissão docente como uma atividade relacional, a relação entre professor e aluno no ensino superior deixa de ser compreendida como um elemento “natural e espontâneo” dos processos de ensino e de aprendizagem e passa a ser objeto de reflexão, preocupação e ação intencional e planejada do professor.

Nesta perspectiva, a compreensão de professores universitários sobre a relação entre professor e alunos e elementos constituintes de sua prática pedagógica devem ser explicitadas e refletidas em processos de formação continuada.

A partir destes pressupostos, durante a realização de uma ação de formação continuada, realizamos uma investigação com 60 professores universitários (10 da área de humanas, 36 da área de Biológicas e 14 da área de Exatas), sendo, 25 eram do sexo feminino, 18 do sexo masculino e 17 não

identificaram. Os professores participantes, em sua maioria (63,3%), possuíam mais de 15 anos de atividade docente, sendo que 48,3% possuíam mais de 20 anos.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário aplicado durante o desenvolvimento de ação de formação continuada. O instrumento continha questões objetivas, solicitando respostas com apenas uma palavra ou apresentando alternativas para escolha, envolvendo questionamentos sobre: 1) compreensão de universidade, educação, ser professor e ser aluno; 2) a docência; 3) elementos que influenciam na relação entre professor e aluno; 4) Percepção sobre quem é o aluno, característica principal da sua aula, principal dificuldade na relação com os alunos, necessidade de mudanças na relação com os alunos e aspecto a ser mantido na relação com os alunos; 5) Auto avaliação sobre capacidade de auto-crítica; questionamento, argumentação e diálogo com os alunos e atuação como professor e 6) avaliação da relação com os alunos .

Neste momento, apresentaremos parte dos dados obtidos sobre a relação entre professor e aluno.

Os professores, de um modo geral (73,3%), avaliaram a relação com os alunos como satisfatórias, sendo que 15% avaliaram como muito satisfatória e 8,3% como pouco satisfatória (sendo 6,8% da área de humanas). Nenhum docente considerou sua relação como insatisfatória e apenas dois não responderam ao questionamento.

Em relação aos elementos que influenciam na relação entre professor e alunos, as respostas foram muito diversificadas. Pela análise, pode-se verificar que algumas indicavam ênfase no aluno, no professor, no individuo geral, na relação ou nas condições materiais. Em algumas respostas não foi identificada uma ênfase específica.

Verificamos que a maior ênfase foi em características ou habilidades individuais (123 respostas), seguida de aspectos relativos à relação (22 respostas), ao professor (12 respostas), as condições materiais (4 respostas) e ao aluno (3 respostas). Aspectos mais gerais como autoridade, modelo, ética, totalizaram 10 respostas.

Exemplos das respostas são apresentados abaixo:

- Características ou habilidades individuais: crenças pessoais alunos e professores, educação, formação, historia de vida (individual e social), paciência, sensibilidade, saber ouvir, carisma, empatia, capacidade de diálogo, disposição para mudança, seriedade, interesse e dedicação.

- Relação: Compartilhamento, cooperação, estabelecimento de acordos, interesse recíproco, vontade de ambas as partes, respeito mútuo, simpatia e sintonia, sinergia, comprometimento de ambas as partes, relação, diálogo, comunicação
- Professor: Coordenar todas as atividades exigidas, nível de exigência, trato social do professor, didática, habilidade comunicativa do professor, amor pelo que faz dom para professor, prazer (em ensinar), abertura do professor
- Condições materiais: Condições objetivas administrativas e recursos materiais, pouco contato com muitos dos alunos e tempo
- Aluno: Interesse do aluno, vontade de aprender, projeção para o futuro
- Aspectos gerais: Aprendizagem, autoridade, comportamento extra sala, estímulo, foco, ética, oferecimento, modelo

O respeito e a empatia foram os aspectos mais citados.

Em relação à maior dificuldade na relação, os docentes indicaram aspectos centrados nos alunos, na ação deles e na estrutura, além de aspectos gerais, como indicado no gráfico abaixo:

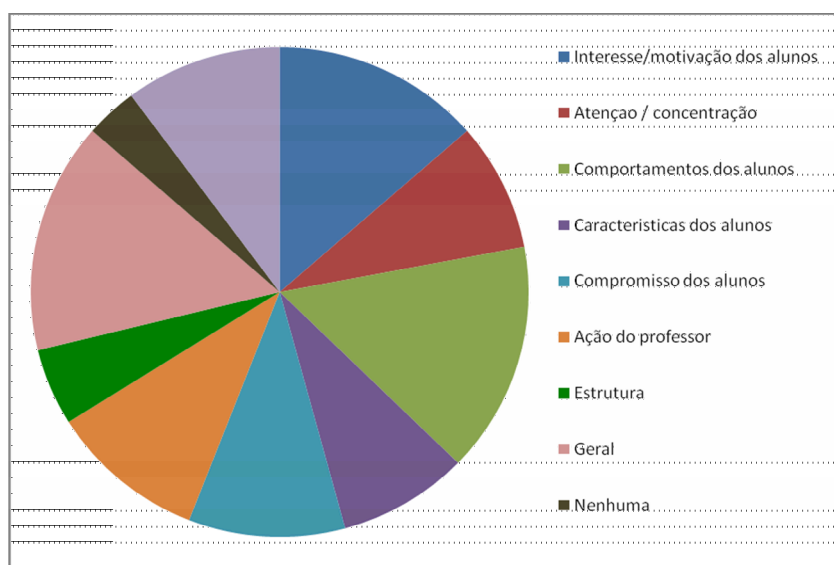


Figura 1- Gráfico um- Maior dificuldade na relação

Apresentamos abaixo, as respostas organizadas em cada grupo.

- Interesse/motivação dos alunos: despertar interesse, motivação, participação e desinteresse
- Atenção / concentração, desatenção, mobilizar a atenção na aula expositiva, atenção e concentração

- Comportamento dos alunos: Disciplina, comportamento, passividade e desrespeito
- Características dos alunos: imaturidade, idade, sem preparo, prepara anterior e educação/ falta de educação
- Compromisso dos alunos: Responsabilidade dos mesmos, engajar o aluno no processo
- Compromisso, desculpas esfarrapadas, aceitar quando são irresponsáveis e irresponsabilidade
- Ação do professor: Dar-lhe atenção, compreende-los, escuta ativa, manter o foco, fazê-los ouvir e provas
- Estrutura: falta de infraestrutura, pouco tempo e grupo grande
- Geral: Egoísmo, conteúdo, regras, compreensão/entendimento, dialogo, afastamento e pensar

Verificamos que na área de Humanas, os aspectos mais citados foram relacionados à ação do professor. Na área de Biológicas foram os relacionados aos compromissos dos alunos e na área de Exatas, os aspectos mais indicados foram relacionados aos comportamentos dos alunos.

Comportamentos como falta de interesse, de motivação e de comprometimento, assim como passividade, falta de disciplina e hábitos de estudos insuficientes são indicados como características de alunos universitários (citado por PIMENTA E ANASTASIOU, 2005, p229, 230)

Foi também solicitado aos docentes que indicassem um aspecto que deveria mudar na sua relação com os alunos. 14 docentes não responderam e as respostas dos demais 46 docentes foram reunidas em 7 grupos, apresentados no gráfico a seguir.

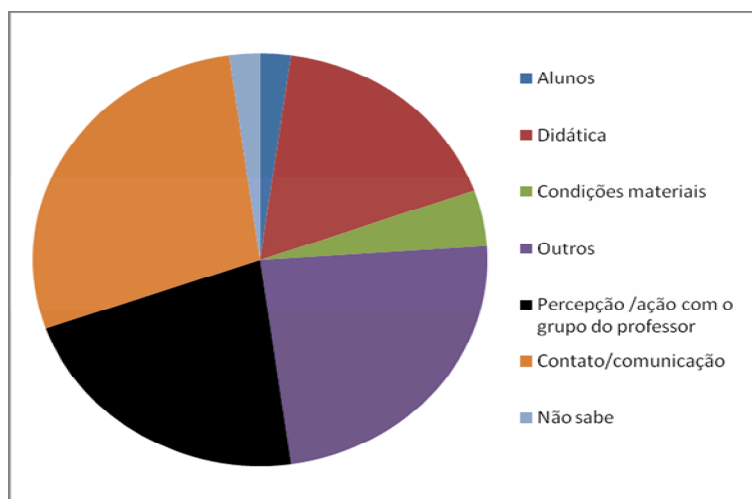


Figura 2- Gráfico 2: O que precisa mudar na sua relação com os alunos

Verificamos que os aspectos que mais necessitam de mudança são aqueles relacionados ao contato e à comunicação com o grupo. As respostas dos docentes indicaram: Diálogo, convivência, aproximação, proximidade, distancia, “pessoalidade”, disciplina/regras, compreensão, participação, respeito e disciplina/regras. Também foram indicados aspectos relacionados à percepção e a ação do professor com o grupo, como: ser menos exigente, abertura, angustia de acertar sempre, persistência, paciência, percepção, compreende-los e cobrança. Respostas que indicaram ações do professor que alterassem a dinâmica de sala de aula e o processo de ensino foram reunidas na categoria “Didática”, a saber: dinâmica da aula, Tornar a aula mais dinâmica, aumentar interesse, abrir espaço para participação, fazê-los ficar quietos, imposição da voz, resultado de prova e despender mais tempo. Duas respostas se referiram à necessidade de mudanças nas condições objetivas, indicando a diminuição do número de alunos em sala de aula e o tempo. Apenas um docente, indicou que a atenção dos alunos deveria mudar. Outros aspectos também foram indicados como: cada turma novas experiências, excesso, aprimoramento, interesse, dinamismo, posicionamento, conceito, afeto, dinâmico e motivação.

Comparando-se os docentes pelas áreas de atuação, verificamos diferenças entre eles, conforme indicado no quadro a seguir.

Área	Aspectos indicados			
	1º.	2º.	3º	4º.
Humanas	Percepção e ação	Didática Estrutura		

		Contato e comunicação Outros		
Biológicas	Contato e comunicação	Outros	Didática	Percep- ção e ação
Exatas	Contato e comunicação	Percepção e ação Outros	Didática	

Quadro 1- Aspectos mais indicados por área

Verificamos que os aspectos indicados pelos docentes das áreas de Biológicas e Exatas como necessários de alteração são próximos.

Atualmente, estudos sobre a profissão docente e a formação de professores indicam e defendem o professor como um profissional que possui crenças e elabora reflexões e conhecimentos, que se relacionam com suas opções e práticas.

A indicação dos docentes das áreas de Biológicas e Exatas de aspectos relativos ao contato e à comunicação remete-nos a reflexão de Freire (1983):

“A educação... Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensá-lo autêntico, por que recebemos as formulas que lhe damos simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.”

Os dados coletados indicam-nos a necessidade de que a relação entre professor e alunos seja objeto de reflexão constante pelo professor universitário. Mas esta reflexão deve estar sustentada por instrumentos

teóricos para que ele possa analisar sua prática e re-significá-la. O professor universitário, como profissional da docência, precisa explicitar suas crenças, conhecer teorias das ciências da educação e elaborar saberes para sua reflexão e prática pedagógicas.

Concordamos com as indicações das necessidades essenciais ao trabalho do professor universitário do projeto de Formação Continuada de docentes proposto pela Pro- Reitoria de Graduação da UNESP, a partir de 2006, entre os quais destacamos:” identificação da prática docente como prática educativa”, “compreensão da identidade do saber científico e pedagógico no ensino universitário”; “identificação das características de jovens e adultos que freqüentam a universidade e as exigências que elas trazem para o docente em sala de aula”, “compreensão da unidade existente entre teoria e prática”; “consideração do papel das relações interpessoais para o processo ensino-aprendizagem, compreendendo os processos grupais que ocorrem na sala de aula, envolvendo professor e alunos”. (PINHO, 2008)

A associação dos dados identificados junto aos professores universitários e o quadro inicialmente apresentado (de não formação pedagógica desse profissional) levam a reafirmarmos a necessidade de projetos de formação continuada que possibilitem a formação de grupos de reflexão e a apropriação de conhecimentos específicos pelos professores universitários sobre o tema sobre o tema “relação entre professor e alunos”, ressaltando o alerta de Arroyo (2000, p.67):

Podemos ter (escolas) universidades em boas condições físicas, equipadas, salários e condições de trabalho razoáveis e faltar clima humano. Por que as relações entre professores, entre alunos, entre professores e alunos podem ser distantes, formais, frias, coisificadas ou burocratizadas. Nessas condições materiais e de trabalho os alunos poderão até aprender nossas matérias, passar, porém não aprenderão uma matéria, a principal, serem humanos. Nem os mestres mais vívidos poderão ensinar, nem os alunos mais iniciantes nas artes de viver aprenderão em que consiste ser gente.

Essa matéria somente se aprende em um clima humano, em interações humanas, quando nos revelamos

como humanos, quando os educandos convivem com seus semelhantes e diversos.

...Dialogamos solto. Um professor profundamente humano. Aprendi, aprendemos que educar é revelar saberes, significados, mas antes de mais nada revelar-nos como docentes educadores em nossa condição humana. É nosso ofício. é nossa humana docência

Referenciais:

ALMEIDA, L.R. de e PLACCO, V.M.N.S de *As relações interpessoais na formação de professores*. São Paulo: Loyola, 2004

ARROYO, M. Ofício de ser mestres- imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000, CLARO, M. Aparecida Lima. O vínculo libertador na relação professor-aluno. In: FRANCHI, E. P. (org.) *A Causa dos professores*. Campinas: Papirus, 1995, p. 120

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GIOVANNI, L. M. Indignação e reflexão como marcas da profissão docente. IN: GUARNIERI, M.R. (org.) *Aprendendo a ensinar*. O caminho nada suave da docência. Campinas: Autores Associados, 2000 p. 48.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação*. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993. P. 180

PERRENOUD, P. *10 competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MARTINEZ, A.M. E TACCA, M.C.V.R. *A complexidade da aprendizagem – destaque ao ensino superior*. Campinas: Alinea, 2009.

PIMENTA, S.G. E ANASTASIOU, L. Das G.C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2005

PIMENTA, S.G., ANASTASIOU, L e CAVALLET, V. Docência do ensino superior. IN : BARBOSA, R. L.L. (org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

PINHO, S. Z. de *Oficinas de Estudos Pedagógicos: reflexões sobre a prática do Ensino Superior*. São Paulo : Cultura Acadêmica , UNESP:PROGRAD, 2008.

SAVIANI, D. *A nova lei da Educação*. São Paulo : Autores Associados, 1997.

TACCA, M. C.V.R. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: Alínea, 2008.

TARDIF, M. E LESSARD, C. O trabalho docente. Petropolis: Vozes, 2008.